

PROFESSOR LAMECENSE EM SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE O HOLOCAUSTO

O professor António Martins, professor na Escola Básica 2,3/ S de Tarouca, residente em Lamego, associado da Memoshoa, Associação Portuguesa para a Memória e Ensino do Holocausto, esteve presente no III Seminário Internacional para Educadores Portugueses que decorreu em Jerusalém, Israel, entre 9 e 19 de Agosto de 2010 na Vad Vashem, Escola Internacional para os Estudos do Holocausto, promovida por este órgão e pelo ICHEIC, Program for Holocaust in Europe. A formação, com a duração de 100 horas, intitulada “Memória da Shoá (Holocausto) e os Dilemas da sua Transmissão”, abordou diversas temáticas das quais se destacam: a ideologia nazi e as políticas anti-judias, a vida e a luta nos guetos, a escalada do anti-semitismo e a Solução Final; o julgamento de nazis, Portugal face aos Judeus durante o Holocausto, etc. Foram ouvidos testemunhos de sobreviventes, efectuadas visitas a museus de Memória do Shoa (Museu do Vad Vashem e em Beit Lohamei Haguetaot) e foram oferecidos e comprados materiais pedagógicos. Foi ainda possível, visitar alguns locais da Terra Santa: Jerusalém, Massada, Mar Morto, Deserto de Judah e Belém, em território palestino.

Apresentamos, de seguida, o testemunho, a reflexão e os projectos de futuro do professor António Martins:

REFLEXÃO SOBRE O SEMINÁRIO EM ISRAEL PARA EDUCADORES PORTUGUESES

Querido Professor:

Sou um sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum ser humano deveria testemunhar: câmaras de gás construídas por engenheiros ilustres, crianças envenenados por médicos altamente especializados. Recém-nascidos assassinados por enfermeiras diplomadas, mulheres e bebês queimados por gente formada em escolas e universidades. Por isso, querido professor, duvido da educação e formulo-lhe um pedido: ajuda os teus estudantes a voltarem a serem humanos. Teu esforço, professor, nunca deveria produzir monstros eruditos e cultos, psicopatas e Eichmans educados. Ler e escrever são importantes somente se servirem para fazer com que os nossos jovens sejam mais humanos.

A. Novinsky -Uruguai

O século passado, que parece, simultaneamente, tão perto e tão longe de nós, foi testemunha de uma indizível tragédia, que jamais poderá ser esquecida: a tentativa (quase conseguida) do regime nazi de exterminar o povo judaico, com o conseqüente morticínio de milhões de judeus. Homens e mulheres, adultos e jovens, crianças e recém-nascidos, só porque eram de origem judaica, foram perseguidos e deportados. Alguns foram trucidados imediatamente, outros foram humilhados, maltratados, torturados, privados completamente da sua dignidade humana e, por fim, mortos. Um número reduzido dos que foram *internados* nos campos de concentração sobreviveram, e ficaram aterrorizados durante a vida inteira. Alguns, têm a coragem de testemunhar os factos e mostrar as suas tatuagens numéricas nos braços, outros, porém, viveram as suas vidas ocultando, num baú secreto, os dias difíceis nos guetos e nos campos de morte. Este foi o *Shoa*, um dos principais dramas da história do século passado. É um facto que ainda hoje diz respeito a todos e a mim também, ser dotado de inteligência, de instrução, mas também de valores e de sentimentos.

A minha presença em formações sobre o Holocausto tem despertado na minha consciência humana e pedagógica (sou professor de Formação Cívica), uma necessidade de partilhar com os meus alunos tudo o que aprendi ao longo destes últimos dois anos: formação em Zagreb, no âmbito do Programa Pestalozzi, patrocinada pelo Conselho da Europa (com visita ao campo de concentração de Jasenovac), visita de estudo à Polónia do Verão de 2009 (visitas a locais de morte: Treblinka, Birkenau, Madjanek) e, agora, em Agosto de 2010, o Seminário para Professores Portugueses em Jerusalém promovido pelo Yad Vashem, Escola Internacional para o Ensino do Holocausto e pela Memoshoa (Associação para a Memória e Ensino do Holocausto). Foram dias de aprendizagem, de aquisição de conhecimentos, de partilha de diversas visões, de auto e hetero-reflexão, de troca de experiências, de muitos rostos (sobretudo os das fotos de crianças nos museus visitados), de algumas lágrimas de incredibilidade, mas, no final, de muitos sorrisos de esperança.

Gostei dos conteúdos leccionados no Seminário, sobretudo os que tocavam directamente a vertente didáctica do ensino do Shoa. Pessoalmente, acho que é necessária uma sensibilidade muito própria para abordar esta questão em alunos de tenra idade, ou seja, crianças com 10 e 11 anos. Para mim, é um desafio novo no campo da

pedagogia, o “saber ensinar” o Shoa. Serão bastante úteis os materiais didáticos que me foram oferecidos e os que comprei. Lamento, apenas, o ainda reduzido número de materiais que existem em Língua Portuguesa.

Na escola onde lecciono, Escola Básica 2,3/S de Tarouca, vou dinamizar, de forma intimamente ligada à Área Curricular não Disciplinar de Formação Cívica, um Clube de Memória do Holocausto, denominado “Clube dos Pequenos Justos”.

De recordar que o título “**Justo entre as Nações**” designa uma pessoa de elevada moral, que oferece empatia, compaixão e ajuda a judeus em tempos de grandes dificuldades e perseguições, decorrente da sua actuação excepcional implicando em perigos relativos à segurança de sua liberdade física, ética e profissional além de riscos de vida para aquele que se dispõe a salvar os judeus.

Estas pessoas, no silêncio de seus actos, demonstraram enorme coragem, elevada consciência moral e um incomensurável respeito à vida dos seus semelhantes.

Os Justos entre as Nações foram pessoas que, mesmo correndo risco de perderem as suas vidas, salvaram centenas de judeus do extermínio planeado e promovido pelos nazis, durante a II Guerra Mundial. Heróis como o nosso Aristides Sousa Mendes, os brasileiros Luís Martins de Souza Dantas e Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, e de outras nacionalidades, como Raoul Wallenberg, Irene Sendler, e o mais conhecido de todos, Oskar Schindler, agiram motivados por valores humanos, em prol da vida e da dignidade e contra a intolerância, a discriminação e o racismo.

Este clube respeitará a filosofia educativa do Vad Vashem e os valores da Memoshoa. Paralelamente, terá em conta as linhas de força do Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas de Tarouca, permitirá desenvolver a maior parte das competências gerais previstas para o Ensino Básico e responderá ao perfil desejado para o aluno do Ensino Básico. Será desenvolvido durante uma hora por semana, a ser colocada no horário dos alunos inscritos no clube. As actividades propostas poderão ser desenvolvidas no âmbito das áreas curriculares não disciplinares de Formação Cívica e Área de Projecto. Terão, também, o apoio da equipa da Biblioteca Escolar.

O clube tem como objectivos: gerar um espaço para a memória dos que sofreram, e dos que ajudaram na salvação; gerar condutas e valores: humanos, democráticos, éticos e morais; promover a educação, a memória e a investigação sobre

o Holocausto; activar a curiosidade intelectual para inspirar o pensamento crítico e o crescimento pessoal.

Entre as actividades propostas, destaco o estudo da biografia de alguns Justos, com especial destaque para a biografia de Aristides Sousa Mendes; a leitura extensiva de obras como *O Diário de Anne Frank* ou *Queria voar como uma Borboleta*; a visualização de filmes e a Comemoração do Dia das Vítimas Holocausto. De recordar que a data de 27 de Janeiro (dia da libertação de Auschwitz) foi escolhida e declarada pelas Nações Unidas como Dia Internacional de Comemoração Anual das Vítimas do Holocausto.

A terminar, convido todos os professores e educadores a reflectirem profundamente sobre o significado do *Shoa*. As vítimas, desde os seus túmulos, e os sobreviventes através do testemunho de quanto sofreram, tornaram-se um forte *handicap* que chama a atenção da humanidade inteira. Recordar este terrível drama, significa tomar plena consciência da advertência salutar que ele comporta: às sementes infectadas pelo anti-judaísmo e pelo anti-semitismo jamais se deve consentir que lancem raiz no coração do homem. E, o coração da humanidade, está nos alunos que todos os dias enfrentamos. Recordemos as palavras do Papa João Paulo II, por ocasião da comemoração do Holocausto, em 1994: *Correríamos o perigo de fazer morrer de novo as vítimas das mais atrozes mortes, se não tivéssemos a paixão da justiça e nem nos empenhássemos, cada um segundo as próprias capacidades, em fazer com que o mal não prevaleça sobre o bem, como aconteceu em relação a milhões de filhos do povo judaico... A humanidade não pode permitir que isto aconteça de novo.*

Diante deste horrível genocídio, que os responsáveis das nações e as próprias comunidades judaicas julgaram difícil acreditar no momento em que esse era perpetrado sem misericórdia, ninguém pode ficar indiferente. O futuro da humanidade exige que nunca esqueçamos esta página da História, porque «não há futuro sem memória». A própria História é *memoria futuri*.